Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos
Edição Comemorativa
Recife, 11 de março de 2019

ALMAS ALVAS E ESCURAS: A VOZ DO NEGRO E DA IGREJA CATÓLICA NO CONTO "ENTRADA NO CÉU", DE MIA COUTO

Damiana Silva de Melo*
Thaís Chianca Bessa Ribeiro do Valle**

Resumo

Expoente da literatura africana, um dos principais representantes da primeira geração literária pós independência, Mia Couto, em seu conto "Entrada no Céu", apresenta o discurso racista proferido pela Igreja Católica e pela sociedade, em conflito com o questionamento e levante negro contra a discriminação. O interpelar do marginalizado na narrativa começa por intentar argumento junto a um padre sobre a possibilidade do negro um dia vir a ser santo. Nesse sentido, o trabalho objetiva discutir as relações de poder, as quais elaboraram um sistema de opressão cujo propósito era manter os mais pobres à margem da sociedade, trabalhando para manter o explorador. A discussão propõe ainda uma reflexão sobre o papel da religião e das altas classes sociais nos processos relacionais e históricos, ao fomentarem a desigualdade étnico-racial. O espírito de independência é reabilitado na voz da personagem que, ao final da vida, almeja adentrar no Paraíso, e questiona o sistema, através da autoridade eclesiástica, a respeito. A literatura demonstra cumprir através da palavra a valoração da voz do excluído, ao expor a figura da Igreja Católica parcial ou silente sobre a questão. Expõe-se a utilização de arquétipos que, através da arte literária, buscam problematizar a questão das "castas" sociais inferiorizadas perante a sociedade. A metodologia hermenêutica voltada para a sociologia justifica o estudo, o qual promove investigação sócio-político-racial no intuito de instigar debates de raça e classe, tratados de modo incisivo na escrita do moçambicano Mia Couto.

Palavras-chave: Religião e literatura. Preconceito étnico-racial. Mia Couto.

INTRODUÇÃO

A literatura enquanto processo comunicativo é compreendida como ato de subversão da língua e ação enunciativa dos sujeitos. Nesse contexto encontram-se as personagens da produção literária "Entrada no Céu", de Mia Couto, que aparentemente apascentadas, convivem numa sociedade que conduz o povo negro a situações de preconceitos explícitos e implícitos. Na obra, o autor propõe-se a apresentar a voz de uma etnia exaurida por

* Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6963818071256163. E-mail: dannisilvamello@gmail.com.
** Graduada em Direito, Mestra e Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7822186880352675. E-mail: thaischianca@gmail.com.

suportar desmandes e negativa de direitos, e que insurge contra o sistema que, por séculos, se mostrou organizado para subjugar o povo negro através do poder do discurso, da submissão e da dominação.

A atividade literária exige confrontos diários com a realidade que culmina na refutação entre os indivíduos no papel de oprimido e opressor. Nesse sentido, Berger (2011, p. 92): " *a sociedade em outras palavras, é um produto da atividade humana coletiva*", e Maingueneuau (2012, p, 75): "*o texto literário se beneficia da práxis para problematizar*". Assim, a literatura questiona e expõe as situações vivenciadas pelas *personas* – no caso, perante o racismo - e adentra ao universo do preconceito, da dor e do sofrimento. Explica Fanon (2008, p. 33-34):

> Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por essa razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão *para-o-outro* do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.
> O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. [...]
> Falar é estar em condição de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização. [...] Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais a colonização escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.

O comportamento discriminatório se encontra intimamente ligado não somente ao corpo, mas também aos espaços físicos, sociais, culturais e religiosos que os indivíduos ocupam e compartilham, em uma linha traçada por pontos que transcorrem e desfavorecem diretos e deveres do humano para com o outro. Tem-se, pois, a conclusão: "*O sujeito não se apropria da linguagem num momento individual. A forma dessa apropriação é social*" (ORLANDI, 2006, P. 19).

Neste embate das diferenças, a literatura serve como poder denunciativo, lança mão do discurso do oprimido para expor as veias abertas do preconceito enraizado na sociedade, e entre as instituições religiosas, quando o sagrado é manipulado com a finalidade precípua de

corrigir, punir e, por vezes, excluir o "diferente". É o que vem a denunciar a obra de Mia Couto a ser analisada a seguir.

LUZ E SOMBRAS NA VOZ DO POVO NEGRO SOBRE A "ENTRADA NO CÉU"

Desde o princípio da formação das sociedades através de um sistema colonial hegemônico do branco europeu, o povo negro, dominado, vem sendo desconsiderado em sua diversidade cultural, hora por medo do "diferente", hora por necessidade de autoafirmação política e religiosa dos povos dominantes. Explica Marco Mondaini (2013, p. 138):

> Para o enfrentamento do problema da diversidade existente entre os seres humanos, seguramente o medo nos leva a assumir comportamentos equivocados, como aquele de observar num outro indivíduo de cor de pele diversa da minha a existência de um risco iminente, um perigo que se avizinha rapidamente.

Ao longo dos séculos, a necessidade de autoafirmação da sociedade sob os padrões europeus brancos e de eliminação das dissonâncias, atrelada ao declínio na adesão de fiéis à Igreja Católica, tornaram-se motivos para que a mesma investisse na sensibilização da população, para adotar a prática de fundamentos religiosos na vida cotidiana (BASTIDE, 1971). Foi também por necessidade de sensibilização do público, para a manutenção da instituição, que a Igreja Católica aceitou receber o povo negro nos cultos em condições de aparente igualdade aos demais. Recorda Bastide (1971): os negros "*agora não mais entravam na igreja pela porta lateral, para rezar: entravam pela da frente com a multidão dos outros católicos*". Mas a cor da pele continuou a acarretar obrigações no cumprimento e nas celebrações de fé.

E o povo negro foi levado a abdicar de suas práticas, seus costumes, suas crenças, para, mediante a perda da própria identidade, assumir a identidade de um povo que buscava dominá-lo, tornando-se, assim, mas facilmente dominável. Seguem as palavras de Fanon (2008, p. 104):

> [...] o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretenciosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta.

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável (FANON, 2008, p. 125).

A literatura africana vem, ao longo dos anos, tentando minimizar o enfraquecimento e a "inferiorização" da memória coletiva promovida contra a etnia negra ao longo dos séculos. A escrita do moçambicano Mia Couto demonstra-se repleta de imagens que provocam indagações sobre o processo de sujeição religiosa, social e política sofrida pelo povo negro. Sua narrativa apela para a construção de uma representação da realidade na qual as ações da Igreja Católica repreenderam a cultura e o povo negro, ao ponto deste se ver obrigado a manter-se disciplinadamente silente sobre a inferioridade que lhe fora imputada

Doutrinado sob padrões de "branquitude", o povo negro buscava adequar-se a uma sociedade que não os acolhia, nem mesmo sob aspectos religiosos. Assim, tem-se a indagação da personagem do conto, um rapaz negro, sobre sua "Entrada no Céu":

> Nada é repetível, Tudo é repetente? Era o que eu perguntava na catequese. E mais buscava em clareza: - *A vida, Santo e Deus, tem segunda via*? O padre Bento não queria nem escutar: só a dúvida em si já era desobediência. E Bento avisava: não se entra de qualquer maneira. Aquilo lá, nos portões celestiais requer devida licença. [...]
> É por isso que regresso ao senhor para que me escute, nem que seja em religioso fingimento. Se faça-me o favor, senhor padre, me diga: cuja essa entrada no Paraíso é à moda raça, ou das cláusulas de sermos um zé-alguém? Os pretos como eu, apanham licença? Ou precisam pagar umas facilidades,

> encomendar um abre-boca nalgum mandante? (COUTO, 2009, p. 77).

A insistência e preocupação do sujeito negro ao inquirir o padre Bento é repleta de elementos que comprovam os processos de sujeição que sofrera. Ao perguntar "- *A vida, Santo e Deus, tem segunda via*?", a personagem demonstra desespero por estar há tempos esperando uma segunda vida, algo mais digno, uma outra espécie de santo, diferente dos que o ensinaram a adorar, pois ao que parece, não atendia os seus apelos. E, finalmente, esperava que existisse um segundo Deus, mais justo, misericordioso, porque o que conhecia parecia não enxergar, ou não se importar, com as atrocidades às quais seu povo era exposto cotidianamente. A esse respeito, Jack David Eller:

> Grande parte do que consideraríamos violência contra si mesmo ou contra o outro, como sacrifício, ascetismo e autonegação e automortificação, são maneiras de treinar o corpo e as emoções para terem atitudes e motivações religiosas convencionais. Em outras palavras, não é apenas – talvez nem principalmente – moldando as mentes com crenças e conceitos que são feitos os membros religiosos, mas moldando também os sentimentos e os corpos (ELLER, 2018, P. 222).

Prática comum no processo de escravização foi a de cristalizar os ensinamentos católicos na mente do povo negro, com auxílio da inferioridade social à qual era submetida a etnia negra em seus aspectos psicológicos, suas crenças, seus corpos, e toda sua cultura. Nas palavras de Oliveira (2015, p. 19): "*Desde o começo entendemos que a categoria comum ao multiculturalismo, à etnicidade, à religião e à nação é a cultura, e que não podemos falar de multiculturalismo sem falar de etnicidade, religião e nação*". Assim, grupos de diversas etnias, reconhecendo a necessidade de mudar a história, passam a reivindicar reconhecimento de suas expressões culturais, inclusive, a respeito das manifestações do pensamento religioso.

A personagem do conto "Entrada no céu", se apropria da linguagem para oferece ao leitor um recorte da trajetória desse "viver angustiado", diante de sua posição de subalternidade. E é diante disso que Mia Couto passa a promover a denunciação dos agentes responsáveis pelos processos de escravização do povo negro, suas consequências, mas principalmente, a fomentar a reflexão sobre o racismo e a perda da memória e da identidade de um povo. E a personagem não é nomeada por dois grandes motivos: primeiro, por se tratar de um sujeito negro, pobre e conceituado pela sociedade como um "zé ninguém"; e segundo, porque esse mesmo sujeito se torna representante de toda a etnia à qual pertence, nas dificuldades suportadas cotidianamente.

Os questionamentos da personagem interpelam o leitor sobre o direito de ir e vir, que não é dado a todo ser, na medida em que pairam desconfianças preconceituosas sobre as pessoas de cor negra. Mas não é somente isso. A personagem se reconhece enquanto excluída das oportunidades de educação e outras dispostas para uma boa apresentação, inclusive, após a morte: *"Depois, veja: eu não falo inglês. Mesmo em português, eu só rabisco fora da cartilha, Já estou a ver o letreiro: welcome to paradise! Não mais saberei ler. Bem poderão me conceder a palavra. É como dar alto-falante a um mudo*" (COUTO, p. 78). Trata-se de uma voz insistente, que não se cala, e incomoda o leitor, porque estabelece uma crítica social atual:

> Eu estou prosopioso, mas é derivado da dúvida, Excelentíssimo. As perguntas me fazem risco na garganta. Exemplo: a pessoa pode sair diretamente da aldeia para o céu? Assim, sem passar devidamente pela a capital, nem estar documentado com guia de marcha, averbada e carimbada nas instâncias? (COUTO, P. 78).

Tudo parece negado à personagem em decorrência da sua etnia, da sua pertença social, seja no plano terrestre, como uma educação formal de qualidade, ou até mesmo no plano espiritual, como a entrada no reino dos céus:

> - Quero ser santo, senhor padre.
> E o senhor se ria. Que santo não podia. E porquê?
> Porque santo, dizia o senhor, é uma pessoa boa.
> - Eu não sou bom?
> - Mas santo é uma pessoa especial, mais único que ninguém. E eu, padre, sou especialmente único.
> Que eu não entendia: um santo é uma pessoa que abdica da Vida. No meu caso, padre, a vida é que tinha abicado de mim. Sim agora entendo: os santos são santificados pela morte. Enquanto eu, eu é que santifiquei a vida (COUTO, 2009, P. 79).

Perceba-se, nesse sentido, que a afirmação de santificação da própria vida parece remeter à ideia de que enfrentar as dificuldades sociais impostas, inclusive por Deus ao conceder vida à personagem, seria semelhante ao cumprimento dos deveres impostos por essa divindade. Mas as esperanças do narrador são aos poucos destruídas, inclusive a ínfima possibilidade de elevar-se em espírito lhe é reprovado pelo sacerdote. E o rapaz negro não podia afirmar que tivera uma *Vida* digna como a dos santos, porque a *Vida* lhe tinha renegado ao sofrimento. E como um resquício de esperança que lhe sobrasse, o rapaz insiste ao sacerdote: os martírios suportados em vida, enquanto provações divinas, poderiam ter-lhe santificado.

A elaboração da prosa de Mia Couto revela em minúcias as afrontas e as violências que o povo negro é obrigado a suportar. Os "doutores", pessoas de comando, ricos, ordenam a expulsão desses dos ambientes sociais, para que sejam esquecidos, ignorados, enquanto sujeitos desprovidos de valores e direitos. A personagem se lamenta, narrando um fato pessoal:

> Foi quando ela deixou cair o copo, que se estilhaçou no chão. E eu para lhe diminuir a atrapalhação, logo me inclinei e recolhi os cacos, reunindo-os na minha mão. Foi quando o segurança da festa, chamado pelos doutores, me agarrou no braço e me forçou a levantar. O homem me apertou pela mão e me apertou com tais vigores que os vidros cortaram fundo. Foi aí que decepei a carne, os nervos, os tendões. E escorreu

> sangue de um preto, como doença manchando o imaculado território dos brancos (COUTO, 2009, P.80).

A dor e a humilhação de um povo que, cansado de sofrer, chega a se anular diante da dominação, é também experimentada pela personagem, no momento em que a mulata Margarida – e o termo "mulata", pejorativo, é também utilizado para se referir ao quão imerso o povo negro foi na "branquidão", consciente ou inconscientemente, reproduzindo preconceitos - se mantém sem reação à expulsão dele do salão, do baile, da vida. Trata-se da dor e da humilhação de um povo que, além de tudo, observa seu povo inerte, ou a negar a própria etnia:

> O que mais me fez sofrer, caro padre, não foi o golpe. Não foi também o vexame. Foi Margarida ver-me ser expulso sem levantar protesto. Sofri tanto com essa desatenção dela, que a minha alma imitou o vidro tombada aos despedaços. Quando me expulsaram eu já nem me sentia, despedido para sempre de mim (COUTO, 2009, p.80).

O enredo é finalizado com a personagem obtendo a resposta do questionamento que faz ao padre no início do conto: "*desculpe o contradito desrespeitoso, já não tenho força de mais falar. Só o desfazer dessa sua certeza: a vida sim, tem segunda via. Se o amor arrependido, de não ter amado, assim o quiser* (COUTO, 2009, p.80). E para além de um mundo de aparências e exclusão social, só o arrependimento, o amor e o perdão constituem solução para as chagas da humanidade, na construção de sociedades mais justas e igualitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião, quando utilizada como justificativa para ideais exclusivos e discriminatórios, auxilia na criação de dois grupos sociais, a classe dominante e a classe dominada, sendo esta última composta por pessoas marginalizadas, pobres, excluídas, negras. Os lugares sociais foram

estruturados por aqueles que disseminaram os paradigmas e modelos comportamentais da sociedade, criando regras e leis que seguem uma hierarquia e aguardam ações obedientes às leis por parte da sociedade.

Enquanto excluído do topo do processo hierárquico de formação da sociedade, o povo negro foi submetido ao racismo que lhe destruiu o aspecto emocional e ultrapassou a ética moral e o respeito ao outro em favor da sustentação das estruturas políticas e econômicas. Ato reflexo, o baixo investimento social na reparação desse erro histórico ocasiona a ausência de políticas que favoreçam a igualdade de oportunidades, inclusive no âmbito imaginário do pós-morte.

Dada a necessidade em desenvolver-se uma reflexão social capaz de alterar a condição da população negra na sociedade, a obra de Mia Couto cumpre o seu papel de mover o leitor, e principalmente os "religiosos", de uma posição comodista contributiva para a manutenção do preconceito através da negação da identidade do que se apresenta para as classes dominantes como diferente, para uma posição de reflexão incômoda sobre os próprios atos e preconceitos.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. 2 v. São Paulo: Pioneira, 1971. 475p.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião; organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcelllos. São Paulo: Paulus, 1985. 42p.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 77-80.

ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião**. Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 222p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 194p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2012. 75p.

MONDAINI, Marco. **Democracia e direitos humanos sob fogo cruzado**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. 185p.

OLIVEIRA, Irene Dias de. **Religiões e as teias do multiculturalismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. 19p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2006. 19p.

ANEXO A – TRECHOS DO CONTO "ENTRADA NO CÉU", DE MIA COUTO

Nada é repetível, tudo é repetente? Era o que eu perguntava na catequese. E mais buscava, em clareza:

- A vida, Santo e Deus, tem segunda via?

O Padre Bento não queria nem escutar: só a dúvida, em si, já era desobediência. [...]. E Bento avisava: não se entra no Céu de qualquer maneira. Aquilo lá, nos portões celestiais, requer devida licença. E mais eu perguntava: quem executa essa triagem, à entrada do paraíso? Um encartado porteiro? Um tribunal com seus veneráveis julgadores?

Passaram anos, persistiram enganos. E ainda por esclarecer me resta o assunto. É por isso que regresso ao senhor para que me escute, nem que seja em religioso fingimento. Se faça-me o favor, senhor padre, me diga: cuja essa entrada no Paraíso é à moda da raça, ou das cláusulas de sermos um zé-alguém? Os pretos como eu, salvo sou, apanham licença? Ou precisam pagar umas facilidades, encomendar um abre-boca nalgum mandante?

[...] Exemplo: a pessoa pode sair diretamente da aldeia para o Céu? Assim, sem passar devidamente pela capital, nem estar documentado com guia de marcha, averbada e carimbada nas instâncias?

Depois, veja: eu não falo inglês. Mesmo em português, eu só rabisco fora da cartilha. Já estou a ver lá o letreiro, ao jeito dos filmes: welcome to paradise! E não mais saberei ler. [...].

Minha esperança é que aconteça como no Baile do Ferroviário. [...]. O baile era o do fim do ano. O Padre bem sabe: o ano não é como o sol que nasce para todos. O ano acaba só para uns e começa cada vez para menos pessoas.

Eu sabia que não me iriam deixar entrar. Mas a minha paixão pela mulata Margarida era maior que a certeza de ser excluído. E assim, todo envergonhado, com vestes de empréstimo, me alinhei na fila da entrada. Eu era o único não branco nas redondezas. Meu espanto: o porteiro não pareceu surpreso. Apoiou a mão no meu ombro e disse:

- Entra, rapaz.

Confundiu-me, por certeza, com um empregado de bar. Quem sabe, agora, o porteiro do Céu me confunda também e me deixe entrar, na crença que irei prestar serviço nos lugares da criadagem?

Porque o que acontece, caro Excelentíssimo Padre, é que eu estou morrendo, escoando em sangue, por vontade do meu desviver. Vê esse punhal? Não foi com ele que me golpeei. Há muito que pego na faca não pelo cabo, mas pela navalha. De tanto segurar em lâmina, minhas mãos já cortam sozinhas. [...]. Se me matei, desta vez, foi por acutilância de meus dedos. Não fique assim, não se desabe. Recorda-se do que eu lhe pedia, padre?

- Quero ser santo, senhor padre.

E o senhor se ria. Que santo não podia. E porquê? Porque santo, dizia o senhor, é uma pessoa boa.

- E eu não sou bom?

- Mas o santo é uma pessoa especial, mais único que ninguém.

- E eu, Padre, sou especialmente único.

Que eu não entendia: um santo é uma pessoa que abdica da Vida. No meu caso, Padre, a Vida é que tinha abdicado de mim. Sim, agora entendo: os santos são santificados pela morte. Enquanto eu, eu é que santifiquei a vida.

[...]. Um santo começa quando acaba. Eu nunca comecei. Mas não é desta vez que a morte em mim se estreia. O meu coração se apagou foi nessa longínqua noite do baile. Entrei no salão do Ferroviário, sim. Mas fiquei fora do coração da mulata Margarida. A moça nem deu deferimento de me olhar à distância, fria e ausente. Branca entre os brancos. Foi quando ela deixou cair um copo, que se estilhaçou no chão. E eu, para lhe diminuir a atrapalhação, logo me inclinei e recolhi os cacos, reunindo-os na minha mão. Foi quando o segurança da festa, chamado pelos doutores, me agarrou no braço e me forçou a levantar. O homem me puxou pelas mãos e me apertou com tais vigores que os vidros cortaram fundo. Foi aí que decepei a carne, os nervos, os tendões. E escorreu sangue de um preto, como doença manchando o imaculado território dos brancos.

O que mais me fez sofrer, caro Padre, não foi o golpe. Não foi também o vexame. Foi Margarida ver-me ser expulso sem levantar protesto. Sofri tanto com essa desatenção dela, que a minha alma imitou o vidro: tombada aos despedaços. Quando me expulsaram já eu nem me sentia, despedido para sempre de mim.

Agora que pouco me resta, meu peito já não escuta senão a música desse baile onde a mulata Margarida me aguarda, braços estendidos a dar razão ao meu adiado viver. [...] a vida, sim, tem segunda via. Se o amor, arrependido de não ter amado, assim o quiser.